
**UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UM
PERONISMO NEOLIBERAL A PARTIR DOS
DISCURSOS OFICIAIS DE CARLOS SAUL
MENEM**

Bernardo Borges Baião Guimarães Fernandes

Mestrando no Programa de pós-graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: baiaobernardo94@gmail.com

UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UM PERONISMO NEOLIBERAL A PARTIR DOS DISCURSOS OFICIAIS DE CARLOS SAUL MENEM**AN ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF A NEOLIBERAL PERONISM FROM THE OFFICIAL SPEECHES OF CARLOS SAUL MENEM****Bernardo Borges Baião Guimarães Fernandes****RESUMO**

Com base nos discursos de Juan Domingo Perón, o presente trabalho propõe-se a refletir acerca das estratégias de apropriação discursiva elaboradas pelo ex-presidente argentino Carlos Saúl Menem que imprimiu uma nova identidade peronista. Para dar conta dos seus objetivos, Menem apropriou-se de ideias centrais presentes nos discursos de Perón, tais como justiça social e independência econômica, ressignificando-as. Além disso, repetiu várias estratégias desse governante: a exploração da crise econômica, a construção de adversários nacionais a serem combatidos e o apelo à unidade de apoio ao governo. Busca-se, portanto, compreender como Menem serviu-se dos principais significantes peronistas para defender um projeto político-econômico antagonístico, ligado aos pressupostos do Consenso de Washington.

PALAVRAS-CHAVE:

Peronismo; Carlos Saúl Menem; Juan Domingo Perón; Justicialismo; História da Argentina.

ABSTRACT

Based on the speeches of Juan Domingo Perón, the present work proposes to think about the strategies of discursive appropriation elaborated by the ex-Argentine president Carlos Saúl Menem, that aimed to create a new peronist identity. In order to account for his objectives, Menem appropriated the central ideas present in Perón's speeches, such as social justice and economic independence, reassigning them. Furthermore, he repeated several strategies of this ruler: the exploitation of the economic crisis, the construction of national opponents to be fought and the appeal to the unity of support to the government. It seeks, with that, to understand how Menem used the main symbols of peronism to defend an antagonistic political-economic project, linked to the assumptions of the Washington Consensus.

KEY WORDS:

Peronism; Carlos Saúl Menem; Juan Domingo Perón; justicialism; Argentina history.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa fundamenta-se na análise de alguns discursos proferidos por Carlos Menem que permitem apreender a relação singular que este político buscou constituir com o peronismo. O trabalho tem como foco temporal os dois primeiros anos do seu mandato presidencial, entre julho de 1989 e 1991, período em que foi necessário convencer tanto os setores peronistas quanto antigos opositores sobre as benesses do novo governo.

A ascensão de Carlos Menem ao poder insere-se em um contexto de reorientação ideológica atravessado pela América Latina ao longo das décadas finais do século XX. Aos poucos, o modelo econômico do *Welfare State*¹ perdeu espaço para as propostas neoliberais², que, desde a crise do petróleo³, eram colocadas em prática no continente. Contudo, o caso argentino resguarda particularidades interessantes: Menem foi candidato pelo Partido Justicialista (PJ)⁴, uma agremiação amplamente popular que reúne os adeptos do peronismo, movimento cujo norte era o oposto ao que ele propunha ao assumir a presidência, em 1989. Se para o então presidente argentino, o caminho era o neoliberalismo, para os peronistas deveria prevalecer um estado interventor, capaz de promover justiça social e soberania econômica, tal como ocorrera durante os governos de Juan Domingo Perón (1895-1974). Nesse sentido, os primeiros meses da sua gestão foram dedicados a um profundo esforço de convencimento do seu eleitorado. Era preciso associar as reformas almejadas com os ideais peronistas. Para tal, Menem valeu-se da *Doutrina Peronista*⁵ e dos discursos de Perón, ajustando-os ao seu projeto político.

Evidentemente, não há qualquer pretensão em apontar que este fator por si só foi o responsável pela adesão significativa dos trabalhadores argentinos, muito deles peronistas, ao

¹O Welfare state ou estado de bem-estar social foi um modelo econômico desenvolvido pelo economista inglês John Maynard Keynes como forma de sanar os efeitos da crise de 1929. Base do New Deal, plano econômico adotado pelo governo de Franklin Roosevelt, o programa pressupunha o fortalecimento da intervenção estatal na economia e a promoção de políticas sociais.

² As ideais neoliberais foram elaboradas pelas Escolas austríacas e de Chicago e os seus defensores mais destacados foram Friedrich Hayek (1899-1992) e Milton Friedman (1912-2006). Ver HARVEY, David. O Neoliberalismo- História e Implicações. São Paulo, Editora Loyola, 2005.

³ A crise do Petróleo se deu a partir de uma movimentação dos países árabes da OPEP, motivada por um protesto contra o apoio dos Estados Unidos à Israel durante a Guerra de Yom Kippur. O fato provocou o aumento significativo do preço do barril de petróleo, e, como consequência, o colapso da economia mundial.

⁴ O Partido Justicialista foi criado em 1947 por Juan Domingo Perón para servir como um braço eleitoral do movimento peronista.

⁵ PERÓN, Juan Domingo. Doctrina peronista: filosófica, política, social. - 1ª ed. – Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Fabro, 2016.

projeto governista. Este trabalho concentra-se somente em analisar os esforços empreendidos por Menem para edificar um peronismo de viés neoliberal.

PERONISMO AJUSTADO AOS NOVOS TEMPOS

A estratégia de legitimação frente aos setores peronistas baseou-se especialmente na vinculação simbólica com os ideais propostos por Juan Domingo Perón. Desse último, Carlos Menem valeu-se ainda de outras características discursivas importantes, tais como as promessas de fácil assimilação e, sobretudo, a associação do seu projeto político à reconstrução do país, já que ambos chegaram ao poder em meio a uma grave crise.

Em 1943, ano da aparição de Perón na cena política como Secretário do Trabalho e Segurança Social, a Argentina estava restabelecendo-se dos efeitos causados pelo *crash* da bolsa de Nova York e a Segunda Guerra Mundial, que contribuíram para a derrocada do lucrativo sistema agroexportador. Por conta disso, iniciou-se naquele momento um processo muito incipiente de intervenção estatal na economia, tendo como objetivo o desenvolvimento da industrialização. O estado, no entanto, pouco fez em relação ao crescente operariado nacional, relegado à condições precárias de subsistência, como os baixos salários, as longas jornadas de trabalho e ausência de proteção em caso de acidentes, bastantes comuns no período.

Desde 1930, quando o presidente Hipólito Yrigoyen (1852-1933) foi derrubado, o país vivia sob um regime autoritário, marcado também pelo retorno das velhas práticas corruptas vigentes durante a República Conservadora (1880-1916)⁶. Os candidatos opositores foram impedidos de disputar as eleições em vários momentos, e as fraudes dos mais diversos tipos garantiram a vitória esmagadora de Agustín Justo (1931-1938), Roberto Ortiz (1938-1940) e Ramón S. Castillo (1940-1943), sucessores do líder golpista José Felix Uriburu (1930-1931). Aos militares, uniram-se os setores conservadores da sociedade, especialmente os oligarcas.

Essa aliança deu origem a uma gestão pouco coesa, cujo ponto de ruptura ocorreu quando Ramón Castillo nomeou Robustiano Patrón Costas como seu sucessor. A escolha desagradou à ala nacionalista do exército. Ao contrário dos seus antecessores, que se

⁶ A República Conservadora corresponde ao período entre 1880 e 1916, em que a Argentina esteve sob o controle político do Partido Autonomista Nacional (PAN) e voltada para a agroexportação, principal fonte da prosperidade alcançada na época.

declararam neutros durante a Segunda Guerra, Costas era abertamente opositor ao eixo, encabeçado pela Alemanha nazista. Essa postura ameaçava romper com o equilíbrio das relações externas desenvolvido pela Argentina durante o conflito, fato que serviu como pano de fundo para a ação desses militares, que, além disso, estavam receosos com o avanço do comunismo no país. O novo golpe consumou-se em 4 de junho de 1946, com a chegada do general Pedro Pablo Ramirez ao poder⁷.

Entre os integrantes do novo governo, destacou-se o Grupo de Oficiales Unidos (GOU), corrente formada por jovens militares extremamente nacionalistas e anticomunistas. No seu corpo, figurava Juan Domingo Perón, um habilidoso coronel que rapidamente ascendeu ao posto de Secretário do Trabalho, cargo que o aproximou dos sindicatos.

Na secretaria do trabalho, Perón expandiu os mecanismos de estado arbitrário delineados durante o governo de Yrigoyen e usados apenas durante a década de 1930, com a exceção de Fresco, na província de Buenos Aires, e que, por sua vez, estimulavam a organização dos trabalhadores, incentivavam suas reivindicações e pressionavam para que essas fossem atendidas.⁸

Esta posição, aparentemente, visava impedir a radicalização das massas, como manifestou o próprio Perón em um dos seus discursos:

Para hacer desaparecer de la masa ese grave peligro, no existen más que tres caminos o tres soluciones: primero, engañar a las masas con promesas o con la esperanza de leyes que vendrán, pero que nunca llegan; segundo, someterlas por la fuerza; pero estas dos soluciones, señores, llevan a posponer los problemas, jamás a resolverlos. Hay una sola forma de resolver el problema de la agitación de las masas, la tercera solución, y ella es la verdadera justicia social en la medida de todo aquello que sea posible según la riqueza de un país y su propia economía.⁹

Aos poucos, porém, ele tornou-se porta-voz dos anseios das classes marginalizadas da sociedade argentina, preocupadas em garantir os seus interesses. Essa aproximação improvável, visto que o golpe de 1943 teve um caráter igualmente conservador como em treze anos antes, deu origem a um movimento político de projeção nacional.

O peronismo reuniu tanto as ideias políticas desenvolvidas por Perón, como as medidas adotadas enquanto secretário e, posteriormente, presidente do país. Junto às promessas de justiça social, soberania política e independência econômica, consideradas o seu

⁷ ROMERO, 2006, p.90-91

⁸ Ibidem.

⁹ PERÓN, Juan Domingo apud RODRIGUEZ, Andrés; QUINTANA, Carlos. Cuadernillos de formación político sindical nº1. Disponível em <http://www.upcndigital.org/consejo-directivo/articulos/56679> , acesso em 19 de julho de 2017

axioma, seguiu-se, respectivamente, a aprovação de importantes leis trabalhistas e de garantia de pleno emprego, a defesa da terceira via internacional e a nacionalização da produção.

A eclosão peronista representou uma novidade na história política argentina: ao invés da elite, o movimento preconizava uma aliança com as classes populares. A nova composição de forças formou-se pelos sindicatos e pela massa empobrecida, também conhecida como 'los descamisados'. A igreja Católica e uma parcela das Forças Armadas também o apoiaram¹⁰.

No entanto, a organização de uma experiência política com essa configuração incomodou os setores mais conservadores do país. Perón foi derrubado da presidência em 1955 – cargo que assumiu em 1946 - e obrigado a exilar-se na Espanha. O que sucedeu a partir daquele momento é uma disputa da ordem simbólica pelos significantes peronistas, protagonizada pela esquerda e a direita nacional. Durante o regime militar de 1976, por exemplo, *montoneros* e repressores reivindicaram o peronismo, embora com interpretações completamente distintas¹¹. Outros baseavam-se nesse movimento para fazer oposição. Por fim, este também embasou o projeto neoliberal de Carlos Menem.

Quando Menem chegou à presidência, em 1989, encontrou um cenário de grave crise política, uma democracia fragilizada, assim como as instituições nacionais, partidos políticos debilitados e, por fim, uma economia descontrolada que ameaçava corroer os benefícios conquistados nas últimas décadas. Naquele ano, a inflação chegara a 3079% e 7,9% dos argentinos encontravam-se desempregados¹².

Por outro lado, o peronismo sofreu mudanças profundas no período. Durante quase toda a década de 1980, o movimento foi alvo de ataques por parte da opinião pública, uma vez interpretado, erroneamente, que o frágil governo de Isabelita Perón seria um fator central para a ascensão do doloroso regime militar, do qual muitos peronistas foram acusados de participar. No interior do Partido Justicialista, os sindicatos deram lugar a uma burocracia política, conduzida pela corrente renovadora. As mudanças abriram caminho para a liderança de Carlos Menem, um governante habilidoso que soube aproximar-se das classes populares.

¹⁰ Ver Romero, op.cit, p.91-128.

¹¹ Os Montoneros foram uma organização guerrilheira ligada à esquerda peronista, fundada na década de 1970. Influenciados pela Revolução Cubana, o grupo almejava tomar o poder pela via revolucionária. No entanto, com o golpe militar de 1976, seus membros foram duramente perseguidos. Do lado repressor, José Lopez Rega, também conhecido como "elbrujo", chefe da Triple A- Alianza Anticomunista Argentina- reivindicava o peronismo pelo seu combate ao comunismo. Para uma análise detalhada sobre as disputas simbólicas pelo peronismo, ver HOROWICZ, Alejandro. Los Cuatro Peronismos. Edhasa, 1 ed., Buenos Aires, 2013.

¹² Dados consultados em SANTORO, Maurício. Ideias, Diplomacia e Desenvolvimento: Ascensão e queda do realismo periférico na Argentina. 2008.143 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro- IUPERJ. Rio de Janeiro, 2008, p.39.

Era a primeira vez desde a morte de Perón, em 1974, que um político justicialista conseguia mobilizá-las de maneira expressiva. Antes dele, Raúl Alfonsín (1927-2009) tentou convertê-las ao radicalismo¹³, mas fracassou.

Esse fator por si só já seria suficiente para considerá-lo uma figura essencial da história recente do peronismo. Mas, basta uma análise do conteúdo dos seus discursos para perceber uma maneira inédita de relacionar-se com os significantes peronistas, tornando-o ainda mais interessante. Sobre essa relação improvável entre Menem e Perón, deve-se ter em vista que ambos partiram da mesma estratégia de enunciação populista, tal como definiu Ernesto Laclau¹⁴.

O PERONISMO COMO ESTRATÉGIA POPULISTA

Laclau representa uma novidade na maneira de abordar o populismo academicamente. No geral, os principais autores que se debruçaram sobre o tema buscaram fixar características políticas particulares ou inseri-lo em contextos específicos da história latino-americana, seja em meados do século XX, entre os anos 30 e 50, ou já para o seu final.

Baseando-se na teoria da modernização, Gino Germani defendeu que o populismo era um fenômeno típico de sociedades em transição político-econômica, do modelo tradicional ao moderno¹⁵. No caso argentino - seu principal foco de análise-, o autor concebia a liderança de Perón como um produto da crise agroexportadora, bem como da ausência de uma ideologia consolidada. Já a popularidade adquirida por ele seria fruto da manipulação, conforme revela:

El peronismo constituye, sin duda, un caso de manipulación, que sin embargo fue exitosa, pues logró proporcionar un grado efectivo de participación a las capas movilizadas, aunque, por supuesto, absteniéndose de reformas sociales o en todo caso manteniéndolas dentro de límites aceptables por los grupos sociales y económicos más poderosos.¹⁶

¹³ O radicalismo remonta à União Cívica Radical (UCR), um importante partido político criado 1891 como forma de oferecer resistência institucional aos governantes ligados ao Partido Autonomista Nacional(PAN), principal força política argentina entre os anos 1880 a 1916, período conhecido como República Conservadora. Os radicais, como ficaram conhecidos, notabilizaram-se pela defesa da reforma eleitoral e da democracia representativa. Nas décadas seguintes, especialmente após os mandatos de Hipólito Yrigoyen e Marcelo Torcuato de Alvear, estiveram associados à algumas reformas importantes no país, a exemplo da universitária. Em 1983, coube ao radical Raúl Alfonsín reconduzir a Argentina à democracia.

¹⁴ LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Três Estrelas: 2013

¹⁵ CAPELATO, Maria Rolim. Populismo latino-americano em discussão. In Ferreira, Jorge (org). O populismo e sua história: debate e crítica, p. 136.

¹⁶ GERMANI, Gino. Política y sociedad en una época de transición. 5ª ed.- Buenos Aires, ED. Paidós, 1974, p.212 apud MOSCOSO PEREA, Carlos. El populismo en América Latina. Colección Estudios Políticos, 1990.

Essa abordagem foi refutada décadas mais tarde por autores que apontavam a necessidade de ressaltar a visão da classe trabalhadora argentina. Murmis e Portantiero, por exemplo, argumentam que “as medidas tomadas por Perón na Secretaria do Trabalho e da Previdência, a partir de 1943, vinham ao encontro das reivindicações de grande parte do setor operário¹⁷. Por sua vez, Daniel James “afirma que o movimento peronista redefiniu a noção de cidadania dentro de um contexto mais amplo, essencialmente social”¹⁸.

Destacam-se ainda as análises baseadas na teoria da dependência¹⁹ e as que preferem o abandono do termo, dada sua polissemia. Para uns, o populismo deve ser entendido como um fenômeno de massas, para outros, uma ferramenta de controle social pautada na demagogia. Outras características apontadas são o carisma, o autoritarismo, o caráter urbano ou rural, o nacionalismo e a ligação com determinada classe²⁰.

Para Ernesto Laclau, o populismo transcende todas essas interpretações, visto que representa uma estratégia discursiva particular, voltada à construção de identidades populares. Nessa perspectiva, o peronismo será pensado como uma tática político-discursiva e o povo argentino como produto das relações estabelecidas por ela.

De acordo com Eliseo Verón e Silvia Sigal, sua estrutura discursiva elaborada por Perón compreende importantes *dispositivos de enunciación*, através do qual o político relacionava-se com a sua base²¹. Os principais deles são: o *modelo de llegada*, o *vaciamiento del campo político*, a promessa de redenção e, por fim, a construção do outro.

Oriundo do exército, Perón é

aquel que llega de un exterior absoluto, que pide a su pueblo confianza y fe, porque sus obras hablarán por él, y que concibe su llegada como el estricto cumplimiento de un misión superior, el bien de la patria.[...] El modelo de llegada no es otra cosa que un modelo de presencia: si he decidido venir, es porque he observado, desde afuera, vuestra situación²².

A saída do quartel em direção à presidência é marcada pela constatação de um *momento grave*, de forte crise, que exige a união dos argentinos em torno do governo. Há, nesse momento, uma retórica que enfatiza um recomeço para a história argentina, e que busca

¹⁷ CAPELATO, op.cit, 2011, p.148.

¹⁸ Ibidem, p.151.

¹⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. FALETTO, Enzo. Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica. Editora José Olympio, 1970.

²⁰ MOSCOSO PEREA, op.cit, 1970, p.51-52

²¹ SIGAL, Silvia; VERON, Eliseo. Perón o muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Eudeba, 1ª Ed. 4ªreimp- Buenos Aires, 2014.

²² Ibidem, P.37

esvaziar todo o passado de pobreza, crises e de disputas políticas e ideológicas infrutíferas, em prol de uma redenção nacional nos moldes peronistas: “la solución de este problema ha de ser precisamente lo que nosotros venimos propiciando: la unión de todos los argentinos para que esa lucha se convierta en colaboración y en cooperación, para que podamos crear nuevos valores”²³.

A unidade só é possível porque, acima das opiniões políticas, o peronismo representa a verdade, de acordo com o seu líder. Logo, ser argentino implicava necessariamente em ser peronista. Esta posição fica evidente em um discurso proferido por Perón em razão da abertura das atividades da Assembléia Legislativa, em 1950:

Ningún argentino de bien puede negar su coincidencia con los principios básicos de nuestra doctrina sin renegar primero la dignidad de ser argentino. Por eso afirmamos que nuestra doctrina es la de todos los argentinos y que por la coincidencia de todos sus principios esenciales ha de consolidarse definitivamente la unidad nacional.²⁴

O lugar do outro, não peronista, ou a construção das fronteiras internas, como define Ernesto Laclau, foi destinado aos seus opositores. No plano concreto, os oligarcas, capitalistas e aristocratas; no plano moral, os exploradores, privilegiados, o egoísmo, as ideologias estranhas, dentre outros²⁵. O campo político dividiu-se entre o projeto fracassado que antecedeu a ascensão de Perón e o peronismo em si, arquiteto de um novo povo argentino, definido pelo próprio nos seguintes termos:

Todo habitante de la República que se comporta de acuerdo con las necesidades de la Nación. La parte más importante de un pueblo es la que trabaja y produce, y la menos importante es la que consume sin producir. No creo que lo que ha llegado a calificarse en todas partes como "pueblo" obedezca a este concepto integral. Cuando se dice "pueblo", somos nosotros; y cuando se dice "aristocracia", "capitalismo" y otras cuantas calificaciones, son ellos.²⁶

Neste sentido, a defesa da unidade nacional, presente em vários discursos, não contempla todos os argentinos, como à primeira vista pode parecer, mas somente aqueles que estiverem de acordo com o projeto peronista. A afirmação acima revela também um dos seus pilares: a dignificação do trabalho.

²³ PERÓN, Juan Domingo apud SIGAL, Silvia; Veron, Eliseo, op.cit, 2014, p.66

²⁴ PERÓN, Juan Domingo, op.cit, 2016, p.173

²⁵ SIGAL, Silvia; VERON, Eliseo, op.cit, 2014, p.72

²⁶ PERÓN, Juan Domingo. iN RODRIGUEZ, Andrés; QUINTANA, Carlos. Cuadernillos de formación político sindical nº1, p.42.. Disponível em <http://www.upcndigital.org/consejo-directivo/articulos/56679>> , acesso em 23 de julho de 2017.

Seguindo os seus objetivos políticos, Perón imprimiu a valorização da cultura do trabalho, considerado por ele o ponto de partida para a melhoria moral e social das classes populares. A defesa veio em encontro da proposta de industrialização nacional e, conseqüentemente, do aumento da produtividade. O próprio governante colocava-se como um operário da causa argentina. Não à toa, o 1º de maio transformou-se na principal data do peronismo, dia em que eram promovidos diversos eventos de comemoração pelo país, seguidos do anúncio de importantes leis sociais.

Tiempos vivimos en que reconocemos la suprema dignidad del trabajo y tiempos vendrán en que el mayor honor que puede tener un ciudadano es el de ser un trabajador de la Nación. Pasaron y pasarán para siempre los tiempos en que conversar, discurrir sin hacer nada, vestirse elegantemente y consumir sin producir lo que se consume era honor. Desde ahora será un deshonor no ser capaz de producir lo que cada uno consume²⁷.

Todavía, o trabalhador deveria basear-se em um padrão de comportamento definido pelo próprio Perón. O cálculo político era aproximar desse setor para controlá-lo, sobretudo em um período de avanço do comunismo no mundo. Os sindicatos, por exemplo, não deveriam fazer política ou aliar-se à ideologias estranhas, mas apenas prezar pelos interesses dos trabalhadores, que, por sua vez não deveriam defender greves, visto que isso levaria à estagnação do país. Também deveriam permanecer unidos, e assim homogêneos, fato que levou o governante a investir no fortalecimento da CGT.

Queremos sindicatos gremiales, no queremos sindicatos políticos. Para hacer política hay partidos, y para hacer gremialismo hay sindicatos. [...] Nosotros queremos apoyar a todo lo que sea obrero; pero oponernos a todo lo que sea política. Por eso defendemos el sindicalismo gremial obrero y no aceptamos ningún otro interés que no sea el autentico interés de los trabajadores²⁸.

Baseado nessas ideias, Perón defendeu que o capital investidor deveria estar voltado à promoção da igualdade social e do desenvolvimento econômico nacional. Portanto, o problema eram os capitalistas, tidos como especuladores corporativistas, não o capital em si. Este era de grande utilidade para os projetos levados a cabo naquele momento, como evidenciado em um dos seus primeiros discursos:

No permitiremos que este capitalismo despótico triunfe en la Argentina. Desarraigaremos sus brotes hasta extirparlos definitivamente. Queremos un capital humanizado, que mantenga reacciones cordialmente humanas con sus obreros y con el Estado. [...] O el capital se humaniza o es declarado indeseable por el Estado y

²⁷ PERÓN, Juan Domingo iN RODRIGUEZ, Andrés; QUINTANA, Carlos. Cuadernillos de formación político sindical N°2. Disponível em <http://www.upcndigital.org/consejo-directivo/articulos/56679>, acesso em 24 de julho de 2017.

²⁸ PERÓN, Juan Domingo. 2014, op.cit, 2014, p.178.

queda fuera del amparo de las leyes. La Revolución Nacional no admitirá jamás la explotación del hombre por el hombre.²⁹

A união entre o capital *humanizado* e o trabalho dignificado são elementos fundamentais para a compreensão da justiça social, principal bandeira do movimento peronista, e motivo pelo qual o Partido Justicialista recebeu esse nome. Ambos são responsáveis por garantir a liberdade econômica das classes trabalhadoras, sendo essa entendida não pelo viés do *laissez-faire*, cunhado pelo liberalismo clássico, mas por um caráter social, por assim dizer, já que abarca a conquista da independência financeira por parte dos cidadãos argentinos. Perón era contrário ao livre mercado, defendia, ao invés disso, uma economia controlada pelo Estado, e pautada também pelo anti-imperialismo³⁰.

Esta última condição outorga centralidade às noções de independência econômica e de soberania política, significativa chave para pensar o projeto de autodeterminação do país naquele momento. O primeiro deles versa sobre a defesa da produção nacional como forma de eliminar a dependência de outras economias. O segundo, sobre a necessidade de impedir a dominação política externa. É preciso lembrar que a origem do peronismo insere-se em um contexto mundial de disputas entre as grandes potências capitalistas e comunistas.

No entanto, nenhum desses significantes ou estratégias de enunciação possui uma condição fixa. O próprio Perón declarou em várias oportunidades que havia lançado as premissas basilares do peronismo, mas que este deveria ajustar-se de acordo com a evolução da história argentina, como forma de manter-se atualizado. Na sua concepção,

Dentro de la doctrina, además de los grandes principios, están contenidas muchas cuestiones de forma que obedecen a las condiciones de tiempo y espacio. La doctrina debe ser actualizada. [...] Sólo hay una parte de la doctrina que es eterna: la que cristaliza los grandes principios. Esa sí permanece, porque lo que cambia en el mundo son las formas³¹.

Nota-se por essa afirmação que o governante não descartou a introdução de novos elementos ou a exclusão de outros, desde que tivessem como norte a promoção das três bandeiras peronistas, a saber, a justiça social, a soberania política e a independência econômica.

O PROGRAMA ELEITORAL JUSTICIALISTA DE 1989

²⁹ PERÓN, Juan Domingo in RODRIGUEZ, Andrés; QUINTANA, Carlos, op.cit, p.29.

³⁰ PERÓN, Juan Domingo, op.cit, 2016, p.128-129.

³¹ PERÓN, Juan Domingo. Conducción Política. Buenos Aires, Ediciones Mundo Peronista, 1952.

Lançado em razão das eleições de 1989, o programa de governo da chapa Menem-Duhalde representou a primeira tentativa concreta de atualizar o peronismo com valores neoliberais³². A escolha partia da constatação de que o movimento encontrava-se aquém das demandas da sociedade argentina dos anos 80, de modo que era preciso reformá-lo tal como ocorreu com a estrutura interna do Partido Justicialista. O documento revela ainda um claro compromisso com a desregulamentação da economia, desmentindo as interpretações que apontam para a ocorrência de um estelionato eleitoral³³. Estão presentes, ao longo de todo o texto, a defesa de uma política de privatizações, a abertura econômica, a suspensão do protecionismo comercial, dentre outros, conforme observado abaixo em um dos exemplos:

Ese nuevo y poderoso modelo, es el que se complementará y cobrará vigor con una reforma substancial del estado, que se verá inscripto en un esquema distinto de crecimiento, más fecundo y menos sometido a arbitrariedades burocráticas. La desregulación de las tareas privadas, eliminará el rol de una administración pública que a menudo se convierte en un freno para el desarrollo³⁴.

E completa:

La cuestión pasa por desocuparle las manos al sector estatal, para que éste pueda ocuparse de las cosas que realmente tiene que hacer [...] en este sentido, nuestra política de privatizaciones será seria, sensata, transparente, honesta y realista, a través de una certera definición de los procedimientos para transferir ciertas áreas al sector privado³⁵.

Por outro lado, não há um abandono dos significantes peronistas, mas ajustes sensíveis para adequá-los aos novos valores. A preocupação em apresentar-se como seguidor fiel dos ideais dessa doutrina é observada pelas várias passagens em que aparecem alguns dos seus elementos chaves, ainda que com variação semântica. É um peronismo que une parte do velho e um preâmbulo das transformações prometidas.

Há, portanto, uma mescla estratégica entre valores peronistas e neoliberais, sem que um prevaleça sob o outro. O produto disso é um texto repleto de ambiguidades, como as promessas de oferta de emprego e corte de gastos, ou a defesa da soberania nacional e, ao mesmo tempo, das privatizações.

³² MENEM, Carlos; DUHALDE, Eduardo. La Revolución Productiva: de la Argentina especuladora a la Argentina del trabajo, 1989. Disponível em <http://www.presidenciaduhalde.com.ar/system/objetos.php?id_prod=210&id_cat=57>, acesso em 01 de agosto de 2017.

³³ Ver Romero, op.cit. 2006.

³⁴ MENEM, Carlos, DUHALDE, Eduardo, op.cit, 1989, p.19

³⁵ Ibidem, p.50.

Menem e Duhalde definem a sua plataforma eleitoral como essencialmente peronista, a saber,

Un proyecto de carácter esencialmente nacional, social, popular y cristiano, cuyo objetivo es servir a la comunidad como a un todo y al hombre no sólo como sujeto natural sometido a necesidades materiales de subsistencia sino también como persona moral, intelectual y espiritual³⁶.

Dentre as propostas que mais se aproximam de um peronismo original, as mais destacadas são a *revolución productiva* e o *salariozo*, voltadas, respectivamente, ao fortalecimento da produção nacional e do mercado interno, e a defesa da industrialização. Acrescentam-se ainda a recriação de uma cultura do trabalho, críticas às ideologias e ao capital especulativo e o estímulo à unidade nacional, cada uma dessas vinculadas aos novos objetivos.

A defesa da unidade nacional, por exemplo, surge pela motivação de alargamento da base de apoio. O programa conclama todos os argentinos - e não somente os que concordam com o peronismo - a apoiar o processo de reconstrução nacional.

Necesitamos de los trabajadores, porque no se puede crecer sin justicia. Necesitamos de los empresarios, porque no se puede progresar sin premios y castigo. [...] Necesitamos de los buenos militares, porque no se puede defender con valor lo que se desprecia. Necesitamos de la fe, porque no hay país nuevo sin hombres nuevos³⁷.

Cada setor mencionado na fala transcrita acima está associado a um valor moral postulado pelo futuro governo. É interessante notar como os militares, os empresários e a Igreja Católica, grandes opositores do peronismo nesse momento, tornam-se aliados imprescindíveis. O caso da Igreja, então, é bastante representativo, visto que Menem era um muçulmano convicto, e só aceitou converter-se ao cristianismo porque a Constituição argentina exigia essa condição aos candidatos à presidência. Por tal razão, em discursos já como presidente, a menção à Deus ou à termos comuns entre os cristãos, como irmãos e irmãs, foram recorrentes. Menem deveria dar provas da sua conversão³⁸.

A *cultura do trabalho* ocupa um capítulo inteiro da plataforma eleitoral, assim como o *salariozo*, termo que congrega de certa forma o princípio de justiça social. Entretanto, não é o mesmo que defendera Perón. O trabalho, aqui, ganha uma conotação liberal, já que pressupõe

³⁶ Ibidem, p.6

³⁷ Ibidem, p.5

³⁸ Para mais informações acerca da conversão de Carlos Menem ao catolicismo ver CERRUTI, Gabriela. El jefe: Vida y obra de Carlos Saul Menem. 16ª ed. Editorial *Planeta Espejo de la Argentina*, 1993

o incentivo à livre-iniciativa como principal forma de desenvolver a economia. Já a noção de *capital investidor* indica não somente os investimentos nacionais, como defendia Perón, mas, sobretudo, os estrangeiros. Daí que, conseqüentemente, a produção esteja direcionada à mesma origem, conforme revela o trecho a seguir:

El capital extranjero, de tal modo, también tiene mucho que ver en nuestra Revolución Productiva. Pero no se trata del capital rentístico, usuario, especulador y parasitario del mundo financiero internacional. Se trata del capital de inversión real emprendedor, aquel que se muestra dispuesto a obtener beneficios como resultado de una actividad productiva y generadora de verdadera riqueza para todos³⁹

Não há qualquer menção aos sindicatos. Isso se justifica, provavelmente, pelas mudanças promovidas pela Renovação Peronista⁴⁰ quando alcançou o comando do Partido Justicialista. Em seu lugar, criou-se uma retórica voltada à aproximação com o setor empresarial, seja através das promessas de benefícios individuais, seja pelo apelo a investimentos no país. O programa chega até mesmo a insinuar que um dos principais motivos da crise econômica enfrentada naquele momento era a falta de confiança da classe empresarial.

O DISCURSO PERONISTA DE CARLOS MENEM

A *Revolución Productiva* é a síntese do governo de Carlos Menem: um projeto neoliberal, aplicado de maneira ininterrupta desde o primeiro dia da sua gestão, mas que em nenhum momento deixou de ser peronista. A particularidade dos seus discursos na condição de presidente é que eles não são mais uma carta de intenções, mas a principal ferramenta simbólica de defesa das medidas que começavam a ser adotadas.

Baseando-se na análise de Sigal e Verón, a socióloga Paula Canelo aponta que os discursos de Carlos Menem apresentam importantes continuidades em relação aos de Perón (CANELO, 2011, op. cit. p.79). De acordo com a autora, Menem reforçou os *dispositivos de enunciación* peronista, sobretudo o *vaciamiento del campo político* e o *modelo de llegada*.

Para o presidente, os argentinos deveriam unir-se em torno do seu governo como forma de combater a grave crise econômica que assolava o país naquele momento. Essa

³⁹ MENEM, Carlos, DUHALDE, Eduardo, op.cit, 1989, p.18

⁴⁰ O movimento conhecido como Renovação Peronista foi uma corrente interna do Partido Justicialista que controlou o partido entre os anos 1985 e o final da década de 1990. A principal liderança foi Carlos Menem.

concepção é descrita no trecho abaixo, quando, em razão da renúncia antecipada de Raul Alfonsín, Menem apresentou-se à Assembleia Legislativa para tomar posse:

Estamos viviendo una crisis dolorosa y larga. La peor. La más profunda. La más terminal. La más terrible de las crisis de las cuales tengamos memoria. Por eso, esta crisis no es una excusa. Esta crisis es una oportunidad. [...] Los vengo a convocar para el nacimiento de un nuevo tiempo. [...] Éste es un desafío ante el cual venimos a responder todos los argentinos.⁴¹

A exploração da crise é o pano de fundo para a exposição das suas principais bandeiras, a saber, uma nova política de alianças, reforma do estado e liberalização econômica. A dimensão alcançada por elas é facilmente observável, visto que estão presentes em praticamente todos os discursos entre 1989 e 1990, independente da ocasião ou público alvo. É interessante notar em seus discursos também que, ao propor uma unidade nacional definitiva, sem prescindir de nenhum setor, os inimigos políticos históricos do peronismo foram eliminados. Mantiveram-se somente os adversários morais. Nesse sentido, o discurso proferido na Casa Rosada, em 17 de novembro de 1989, é bastante elucidativo.

Vengo a convocar para la batalla contra los privilegios, los intereses creados, la maraña inmensa de los especuladores, de los usureros, de todos los que buscan que nada cambie para la miseria, el atraso, la pobreza y el hambre continúen en la Republica Argentina. [...] Basta a la republiqueta de intereses creados. Basta de un estado que traiciona a la gente. Basta a la Argentina de la careta hipócrita. Basta a los mariscales de privilegio. Basta a la división suicida entre todos los hermanos.⁴²

No lugar dos capitalistas, imperialistas e oligarcas, o Estado passou a figurar como principal alvo de ataque do presidente. Na sua concepção, o modelo estatal estruturado pelo próprio peronismo nos anos 40 havia esgotado as possibilidades. Era burocratizado, hipertrofiado e, com isso, corrosivo, conforme pode ser observado nos trechos abaixo:

El estado argentino se había convertido en una gran confederación de feudos. De feudos empresariales, de feudos burocráticos, de feudos políticos, de feudos sindicales, de feudos partidocrático y el gobierno nacional llegó para terminar con esa decadente manera de feudalismo⁴³.

E completa:

No hay capitalismo en un país donde el estado ocupa más de la mitad de la producción de bienes y de servicios. No hay capitalismo en un sistema donde un estado dinosaurio se ha convertido en una autentica pieza de museo. No hay

⁴¹MENEM, Carlos Saúl Akil. La esperanza y la acción. Emecé editores, 1990. Disponível em <http://www.lanic.utexas.edu/larrp/pm/sample2/argentin/menem/men_idx1.html>, acesso em 4 de agosto de 2017

⁴²MENEM, Carlos. La esperanza y la acción. Emecé editores, 1990. Disponível em <<http://www.lanic.utexas.edu/larrp/pm/sample2/argentin/menem/index.html>>, acesso em 04 de agosto de 2017.

⁴³MENEM, Carlos. Discursos del presidente, disponível em <<http://www.lanic.utexas.edu/larrp/pm/sample2/argentin/menem/index.html>>, acesso em 04 de agosto de 2017

capitalismo en una nación donde el aparato estatal no cumple sus funciones y se desvía en actividades secundarias e superfluas.⁴⁴

A afirmação revela uma dupla resignificação do discurso peronista: primeiro, o *capitalismo liberal* desprende-se da noção de *capital parasitário*. Torna-se, ao contrário, a solução para a recuperação econômica do país. Com isso, o Estado é atrelado aos interesses individuais, e o livre mercado à coletividade. Essa nova configuração dá conta da proposta de *humanização do capital* defendida por Perón, embora claramente parta de premissas distintas.

Nas palavras de Carlos Menem,

Tomamos la bandera de la desregulación porque estamos a favor de liberar todas y cada una de las energías nacionales. Porque no queremos que el estado sea una estructura hueca, donde solo anidan privilegios, prebendas y beneficios injustificados. Y tomamos la bandera de la competencia porque creemos en la justicia social y en la igualdad de oportunidades.⁴⁵

As noções de privilégio e igualdade de oportunidades também adquirem novos significados. Para Perón, as classes privilegiadas eram aquelas que controlavam politicamente o país desde a independência, enquanto só a justiça social poderia garantir equidade⁴⁶. Já para Menem, se o Estado era o promotor de privilégios, a melhor forma de garantir que todos tenham a mesma chance era estimulando a livre concorrência. É nesse momento que a noção de *liberdade econômica*, a qual, segundo Perón, estava ligada à autonomia financeira, ganha finalmente contornos liberais.

Cabe frisar que não se almeja em nenhum momento a eliminação do papel do estado, mas somente a sua reestruturação, como forma de atuar em parceria com os setores privados. A esse processo, Menem deu o nome de *economía popular de mercado*. Essa expressão é, talvez, a mais importante para se compreender a construção discursiva do seu governo, visto que,

[...] resume nuestras más preciadas banderas, actualizadas a la luz de los tiempos que corren. Una economía popular es aquella que respeta el interés nacional y la justicia social. Una economía de mercado es la que resume el ejercicio legítimo de la libre iniciativa individual y comunitaria⁴⁷.

A proposta representa, no imaginário menemista, a condensação dos seus objetivos político-econômicos. Além disso, constitui a solução para os problemas enfrentados pelo país, conforme advoga o governante:

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibidem, p.55

⁴⁶ PERÓN, Juan Domingo, op.cit, 2016, p.21

⁴⁷ MENEM, Carlos, op.cit, 1990, p.91

La economía popular de mercado nos permitirá pasar del “ciclo maléfico” de la decadencia al ciclo virtuoso del desarrollo y bienestar. Nos permitirá pasar de la recesión, el desempleo, la desinversión, el déficit y las fugas de capitales, al crecimiento económico y la justicia social⁴⁸

Objetivamente, a economia popular de mercado é tão somente a defesa latente das reformas neoliberais, atrelada a atualização da doutrina peronista. Menem apresentou-se como herdeiro fiel do peronismo, mas também como seu principal renovador. Quando questionado pelos seus eleitores – especialmente em congressos ou eventos do movimento peronista - o governante acenava que apenas seguia as orientações do próprio Perón, conforme exposto abaixo

No es liberalismo lo que estoy pregonando, es capitalismo social dentro de lo que es el justicialismo, como bien lo quería el general Perón. Y aquellos que dudan, que lean el mensaje de Perón al parlamento en 1º de mayo de 1974. Si no le creen a Perón, eso es otra cosa, pero lo que estamos haciendo es peronismo, y peronismo de alta escuela, actualizando la Doctrina Nacional Justicialista⁴⁹

As três bandeiras peronistas também ganharam novas interpretações. Ao invés do caráter classista e anti-imperialista, cunhados por Perón, elas assumiram valores puramente econômicos. Liberdade de investimento, exploração de recursos e combate às amarras burocráticas são temas que nortearam a reconstrução semântica desses significantes. A noção de *justiça social*, por exemplo, esteve ligada intrinsecamente ao combate dos privilégios que supostamente impediam a Argentina de desenvolver-se.

Para nosotros, la justicia social pasa hoy por la eliminación de todo tipo de privilegio. Del privilegio de la impunidad, del privilegio de las prebendas estatales, del privilegio de la burocracia, del privilegio de la especulación, del privilegio de la falta de competencia.⁵⁰

O interessante nessa afirmação é que todos os elementos citados para justificar o atraso do país estão presentes também nas críticas proferidas ao estado argentino, conforme já discutido anteriormente. A única exceção é o capital especulativo. Entende-se, a partir disso, que a justiça social só é possível com a superação do modelo estatal vigente.

Por *independência econômica*, compreende-se os desdobramentos desse processo de liberação. Ser independente, na concepção de Menem, pressupunha não mais o monopólio da produção nacional, mas o controle das ferramentas que levem ao crescimento da economia argentina. Isso significa negociar os melhores acordos, bem como impulsionar a exploração

⁴⁸ *ibid.*

⁴⁹ MENEM, Carlos. Discursos del Presidente: 19 de enero de 1990 - 22 de abril de 1990, p. 25. Disponível em <<http://www.lanic.utexas.edu/larrp/pm/sample2/argentin/menem/index.html>>, acesso em 05 de agosto de 2017

⁵⁰ MENEM, Carlos. La esperanza y la acción, 1990. Discurso à assembléia legislativa em 1989. Disponível também em <<https://www.educ.ar/recursos/129098/discurso-de-asuncion-del-presidente-carlos-saul-menem-1989>>, acesso em 6 de agosto de 2017

das potencialidades existentes. Para tal, interessam tanto o capital interno quanto o externo, desde que unidos pelo mesmo objetivo.

En este tiempo fundacional, la independencia económica significa para este gobierno la derrota de nuestro estancamiento, la victoria de la producción, el triunfo del desarrollo. La independencia económica es desenterrar petróleo, extraer minerales, incrementar nuestras exportaciones, comerciar de igual a igual con el resto del mundo, formar un espacio de decisión autónomo, transformar la voluntad del país en acción.⁵¹

A concepção de *nacionalismo* vai pelo mesmo caminho. De acordo com o governante, “el verdadero nacionalismo es el nacionalismo del crecimiento, de la riqueza, de la producción”⁵². Ou seja, a melhor forma de demonstrar amor à pátria é atuando para o seu desenvolvimento. Essa condição voluntarista é a base do conceito de *soberania política*, conforme pode ser observado.

Para este gobierno de unidad nacional, la soberanía política significa transformar a cada argentino en presidente de su destino, en lugar de convertirlo en un esclavo del pesimismo y la resignación. [...] . La soberanía pasa por la participación de todo argentino en la construcción del país. La primera y la más esencial revolución nace en el interior de cada hombre y cada mujer.⁵³

Ao fim desse processo de significações e ressignificações, o que resta é um peronismo transfigurado. No entanto, isso não impediu o político riojano de reivindicar a herança de Perón. Menem colocou-se como seguidor fiel da doutrina peronista, inclusive no que concerne à sua atualização constante.

CONCLUSÃO

A presidência de Carlos Menem atravessa boa parte da história argentina do pós-ditadura. Durante uma década, entre 1989 e 1999, o país esteve sob o seu comando. Nesse período, especialmente nos dois primeiros anos, o peronismo foi alvo de uma releitura estratégica, que ajustou-o à dinâmica pragmática do governo vigente. O pragmatismo é também a chave para compreender os motivos que fizeram dos peronistas a principal força política da Argentina.

Nascido como uma alternativa à dominação dos setores conservadores, o peronismo assumiu múltiplas faces posteriormente. Suas ideias serviram como base das reivindicações

⁵¹ Ibid.

⁵² Ibid.

⁵³ Ibid.

trabalhistas, do combate ao comunismo e ao capitalismo, da esquerda radical à direita ufanista, dos estadistas e dos neoliberais. A verdade é que, desde os dois primeiros mandatos de Juan Domingo Perón, entre 1946 e 1955, ninguém conseguiu desprender-se desse político e daquilo que ele construiu. Mesmo os opositores viram-se obrigados a dialogar de alguma forma com ele, ainda que pelo viés do enfrentamento. Disso resulta que o partido criado para representar as suas bandeiras, o justicialismo, tornou-se insuficiente para abarcar a dimensão alcançada com o tempo.

O peronismo é acima de tudo um movimento pragmático, que não se fecha em uma ideologia ou força política particular. A partir dessa percepção, Carlos Menem valeu-se dos significantes dessa doutrina para defender um projeto neoliberal. Nesse jogo dialógico, a adesão aos valores propagados pelo Consenso de Washington ganhou outra justificativa. Atribuiu-se à Perón e ao peronismo, e não aos organismos financeiros internacionais, a adoção de uma agenda pautada pelo neoliberalismo

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

DUHALDE, Eduardo; MENEM, Carlos Saúl. **La Revolución Productiva: de la Argentina especuladora a la Argentina del trabajo**. Fundación Lealtad, 2 ed., 1989.

MENEM, Carlos Saúl. **La esperanza y la acción**. Emecé editores, 1990

PERÓN, Juan Domingo. **Doctrina peronista: filosófica, política, social**. - 1ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fabro, 2014

_____. **Conducción Política**. Buenos Aires, Ediciones Mundo Peronista, 1952

Livros, artigos e teses:

Canelo, Paula. **¿Dónde está el enemigo?: la rearticulación menemista de los clivajes políticos y la disolución del antagonismo social**. Argentina, 1989-1995. Informe final del concurso: Culturas e identidades en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO. 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolin. **Populismo latino-americano em discussão**.iN Jorge Ferreira (org) O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro, *Civilização Brasileira*, 2001.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica**. Editora José Olympio, 1970.

CERRUTI, Gabriela. **El jefe: Vida y obra de Carlos Saul Menem**. 16ª ed. Editorial *Planeta Espejo de la Argentina*, 1993.

HOROWICZ, Alejandro. **Los Cuatro Peronismos**. Edhasa, 1 ed., Buenos Aires, 2013.

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura.Três Estrelas: 2013.

MOSCOSO PEREA, Carlos. **El populismo en América Latina**. Colección Estudios Políticos, 1990.

RODRIGUEZ, Andrés; QUINTANA, CARLOS. **Cuadernillos de formación política-sindical n°1: el general Perón habla a los trabajadores**. Obras completas del general Perón.

_____. Cuadernillos de formación política-sindical n°2: el general Perón habla a los trabadores. Obras completas del general Perón.

ROMERO, Luis Romero. **História contemporânea da Argentina**. Tradução, Edmundo Barreiros.- Rio de Janeiro: *Jorge Zahar*, Ed., 2006

SANTORO, Maurício. **Ideias, Diplomacia e Desenvolvimento: Ascensão e queda do realismo periférico na Argentina**. 2008.143 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro- IUPERJ. Rio de Janeiro, 2008.

SIGAL, Silvia; VERON, Eliseo. **Perón o muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista**. Eudeba, 1ª Ed. 4ªreimp- Buenos Aires, 2014.

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em junho de 2018.